

Pierre Bourdieu e o perspectivismo nas Ciências Sociais

WALTER LÚCIO DE ALENCAR PRAXEDES*

Resumo: Neste ensaio apresento uma discussão sobre a contribuição da leitura de obras literárias para a formação educacional e para a construção do conhecimento científico sobre o mundo social. A partir de um estudo da obra de Pierre Bourdieu (1930-2002), o enfoque recai sobre a presença da literatura e da teoria literária no pensamento do autor ao longo de sua trajetória intelectual. Abordo, prioritariamente, os cursos anuais ministrados por Bourdieu no *Collège de France*, entre os anos de 1981 e 2001, nos quais frequentemente recorre a ideias ou exemplos de situações e relações sociais presentes em narrativas literárias de inúmeros autores, bem como às concepções teóricas sobre a literatura que constam também nos escritos de alguns filólogos e teóricos da literatura como Erich Auerbach, Leo Spitzer, Michel Butor, Itamar Even-Zohar dentre outros. Ao discutir a presença da literatura na obra de Pierre Bourdieu tento abordar várias perspectivas: a) as representações do autor sobre a literatura em geral e sobre algumas obras literárias específicas; b) Como, segundo Bourdieu, as representações literárias sobre a realidade social podem ser levadas em consideração na construção das representações científicas sobre o mundo social; c) como o autor se apropria de algumas análises, interpretações e exemplos de acontecimentos, situações e relações sociais presentes nas narrativas literárias como fontes para as suas próprias análises, interpretações e reflexões; d) a sociologia da literatura como origem da teoria dos campos sociais de produção simbólica.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Perspectivismo; Literatura; Ciências Sociais.

Pierre Bourdieu and the perspectivism in the Social Sciences.

Abstract: This essay will analyse the contribution of reading works for educational background and for the construction of scientific knowledge about the social world. Based on a study of the work of Pierre Bourdieu (1930-2002), the focus is on the presence of literature and literary theory in the author's thought along its intellectual trajectory. I address, as a priority, the annual courses taught by Bourdieu at the *Collège de France*, between 1981 and 2001, in which often uses ideas or examples of social situations and relationships present in literary narratives by countless authors, as well as theoretical conceptions about the literature that also appear in the writings of some philologists and theorists of literature such as Erich Auerbach, Leo Spitzer, Michel Butor, Itamar Even-Zohar among others. When discussing the presence of literature in Pierre Bourdieu's work I try to address perspectives: a) the author's representations of literature in general and of some specific literary works; b) How, according to Bourdieu, representations literature on social reality can be taken into account in the construction of scientific representations about the social world; c) how the author appropriates some analyzes, interpretations and examples of events, situations and social relationships present in literary narratives as sources for their own analysis, interpretations and reflections; d) the sociology of literature as the origin of the theory of social fields of symbolic production.

Key words: Pierre Bourdieu; Perspectivism; Literature; Social Sciences.



* WALTER LÚCIO DE ALENCAR PRAXEDES é professor associado no Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá (UEM), autor de, entre outras obras, *A educação reflexiva na teoria social de Pierre Bourdieu* (Editoria Loyola, 2015).

Introdução

O cavaleiro de Guise alardeou tanto seus sentimentos e projetos em relação à senhorita de Chartres que ninguém mais os ignorava. Percebia, no entanto, a impossibilidade desse desejo. Sabia que não era partido à altura dela, pela exiguidade das posses para sustentar sua dignidade. E sabia também que os irmãos não aprovariam o casamento, por temor dos prejuízos causados pelos casamentos dos mais moços às grandes casas. O cardeal de Lorena confirmou seus receios: condenou-lhe o afeto testemunhado pela senhorita de Chartres com tanta ênfase, mas não lhe disse quais eram as verdadeiras razões. O cardeal odiava o vidama, então em segredo e depois publicamente. Preferia ver o irmão numa outra aliança que não fosse com a família do vidama, e o disse tão publicamente que a senhorita de Chartres se sentiu ofendida. Ela demonstrou que o cardeal de Lorena nada tinha a temer porque nem pensava em semelhante casamento. O vidama imitou-lhe a conduta por conhecer melhor a causa. Madame de LAFAYETTE. *A princesa de Clèves*. (2017, p. 29-30.)¹

Nesta narrativa encontrada em uma das primeiras obras primas do gênero romanesco em língua francesa, escrita por Madame de Lafayette e publicada em 1678, encontramos os problemas centrais relacionados às estratégias matrimoniais discutidas por Pierre Bourdieu em três artigos científicos revisados pelo autor e republicados na obra *“Le bal des célibataires – crise de la société paysanne en Béarn*. (BOURDIEU, 2002)²

Bourdieu aborda em suas pesquisas sobre o casamento e as dificuldades para

os jovens camponeses o realizarem em sua região natal, o Béarn, no sudoeste da França, em meados do século XX, as estratégias das famílias em busca da manutenção do seu patrimônio, representado principalmente pela propriedade da terra, e a reprodução das suas condições de vida e formas de sociabilidade.

Para Bourdieu (2002, p. 20) *“le mariage a pour fonction première d’assurer la continuité du lignage sans compromettre l’intégrité du patrimoine”*. O casamento se constitui, assim, em um “assunto de

¹ *“Le chevalier de Guise fit tellement paroître les sentimens et les desseins qu’il avoit pour Mlle de Chartres qu’ils ne furent ignorés de personne. Il ne voyoit néanmoins que de l’impossibilité dans ce qu’il désiroit : il savoit bien qu’il n’étoit point un parti qui convînt à Mlle de Chartres, par le peu de biens qu’il avoit pour soutenir son rang ; et il savoit bien aussi que ses frères n’approuveroient pas qu’il se mariât, par la crainte de l’abaissement que les mariages des cadets apportent d’ordinaire dans les grandes maisons. Le cardinal de Lorraine lui fit bientôt voir qu’il ne se trompoit pas: il condamna l’attachement qu’il témoignoit pour Mlle de Chartres avec une chaleur extraordinaire; mais il ne lui en dit pas les véritables raisons. Ce cardinal avoit une haine pour le vidame, qui étoit secrète alors et qui éclata depuis. Il eût plutôt consenti à voir son frère entrer dans toute autre alliance que dans celle de ce vidame; et il déclara si publiquement combien il en étoit éloigné que Mme de Chartres en fut sensiblement offensée. Elle prit de grands soins de faire voir que le cardinal de Lorraine n’avoit rien à craindre, et qu’elle ne songeoit pas à ce mariage. Le vidame prit la même conduite, et sentit encore plus que Mme de Chartres celle du cardinal de Lorraine, parce qu’il en savoit mieux la cause”*. (Madame de LA FAYETTE. *La Princesse de Clèves*, p. 77-7. <http://pascensoirjelis.com/wp-content/uploads/2016/05/Madame-de-La-Fayette-La-princesse-de-Cleves.pdf>

² Na obra *Le bal des célibataires* (Bourdieu, 2002) são reunidos os artigos *“Célibat e condition paysanne”*. In: *Études rurales*, 5-6 avril-septembre 1962, p. 32-135; *“Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction”*. In: *Annales*, 4-5, juillet-ocobre 1972, p. 1105-1127; *“Reproduction interdite: La dimension symbolique de la domination économique”*. In: *Études rurales*, 113-114, janvier-juin 1989, p. 15-36.

família mais que dos indivíduos”, como Bourdieu tenta demonstrar em seus estudos e aparece também no fragmento do romance de Madame de Lafayette *La Princesse de Clèves* citado acima.³

Para realizar a sua pesquisa sobre o casamento, os arranjos familiares e o celibato em sua região natal, Bourdieu recorre tanto aos dados estatísticos oficiais, à literatura sociológica, antropológica e historiográfica sobre o parentesco, como também realiza observações, analisa fotografias e coleta relatos orais dos moradores da região pesquisada, incorporando, assim, uma pluralidade de perspectivas para a pesquisa sobre o mundo social. Como escreveu Speller (2017, p. 113), “o estilo da escrita de Bourdieu e sua sintaxe capacitam-no a integrar múltiplas vozes e perspectivas, inclusive a do autor, e simbolizar a complexidade das estruturas sociais que ele analisa”.

No prefácio que escreveu para a nova edição de suas pesquisas de juventude na obra *Le bal des célibataires*, de 2002, Bourdieu relata que ao fazer a pesquisa lhe voltou à memória a casa de sua família onde ele brincou durante toda a sua infância. O que levou a sua investigação científica a ser realizada em uma “atmosfera emocional” de uma “imersão total” no universo pesquisado que lhe trouxe uma “reconciliação com as coisas e as pessoas” de quem havia se afastado durante a formação universitária. (BOURDIEU, 2002, p. 11)

Depois da sua graduação em filosofia na *École Normale Supérieure* (ENS), em Paris, o trabalho de campo de sua pesquisa etnológica foi realizado na mesma Lasseube, no Béarn, onde ele viveu sua infância. O pesquisador já

havia também iniciado a sua carreira como professor no Liceu de Moulins (1954), e prestado o serviço militar na Argélia. Por isso o retorno à terra natal representou para ele “uma volta ao passado e um retorno às origens”. Entre os entrevistados estava um velho solteirão da geração do seu pai, que o acompanhava nas visitas aos camponeses e ajudava “com sua presença e intervenção discretas” a criar um clima de confiança e camaradagem que possibilitasse a realização de confidências por parte dos entrevistados. (BOURDIEU, 2002, p. 11)

Bourdieu sabia previamente que o casamento tinha uma importância muito grande na cultura camponesa do Béarn, por garantir, ao mesmo tempo, a continuidade da linhagem e do nome da família, e a transmissão da propriedade familiar, evitando-se, com isso, que a mesma se fragmentasse entre vários herdeiros. Mas muitas outras regras determinavam como deveria ocorrer esse casamento. Por exemplo, o casamento de um homem originário de uma família de melhor condição econômica, dotada de uma grande propriedade de terra, com uma mulher de uma família mais pobre era a situação mais esperada e valorizada socialmente, enquanto “o casamento de um homem com uma mulher de condição mais elevada é fortemente desaprovada” (BOURDIEU, 2002, p. 34). Nessa última situação, o “equilíbrio das relações domésticas” fica ameaçado e o homem pobre que casa com uma mulher mais rica acaba sem autoridade para comandar a família.

Em um depoimento coletado por Bourdieu, um informante narra o caso de um casamento em que o marido que se casara com uma mulher de melhor

³ Bourdieu faz referência à obra *La Princesse de Clèves* em suas aulas no Collège de France de 11 de janeiro de 1983. (Bourdieu, 2015, p. 581).

condição nem podia frequentar a casa dos parentes e amigos de sua esposa, sendo tão desrespeitado que era chamado de “a quinta roda do carrinho”, pois, “aquele que se casa com uma mulher de posição mais elevada dizem que se coloca como um empregado doméstico sem salário” (BOURDIEU, 2002, p. 36). Para evitar uma situação como essa, para muitos homens que eram filhos mais novos e sem uma herança considerável para receber, uma alternativa que havia era conseguir um trabalho como empregado na cidade ou até migrar para a América. (BOURDIEU, 2002, p. 38)

Perspectivismo transdisciplinar e histórico

Abordar a presença da literatura na obra de Pierre Bourdieu é uma forma de investigar como a construção do conhecimento não pode ficar restrita a uma abordagem disciplinar e ultraspecializada. É necessário superar o desconhecimento sobre a interdependência dos fenômenos humanos e a ausência de uma visão de conjunto sobre a totalidade social. Como escreveu Norbert Elias,

Esse é mais um aspecto a partir do qual se podem facilmente derrubar as cercas artificiais que hoje erigimos no pensamento, dividindo os seres humanos em várias áreas de controle: os campos, por exemplo, dos psicólogos, dos historiadores e dos sociólogos. As estruturas da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto. Elas não existem e se movem na realidade com o grau de isolamento presumido pelas pesquisas atuais. Formam, ao lado de outras estruturas, o objeto de uma única ciência humana. (ELIAS, 1994, p. 32)

Essa tendência à especialização excessiva teria se originado no Século XIII, segundo Erich Auerbach, quando “a dialética escolástica eliminou quase completamente a tendência retórico-humanística”, provocando uma verdadeira luta “entre as duas formas de linguagem escrita e científica”. Segundo as palavras do próprio Auerbach,

Nella tarda antichità, specialmente romana, durante la quale la scienza vera e propria non aveva mai avuto uno sviluppo autonomo, il linguaggio tecnico e specialistico aveva sempre occupato un posto subordinato, e anche le nozioni realmente scientifiche avevano bisogno, per essere riconosciute tali, di un'espressione universalmente comprensibile, di forma retorica. Ora il linguaggio tecnico e specialistico, esatto e antiretorico, comincia energicamente a farsi strada e a reclamare per sé il predominio nella sfera intellettuale. (AUERBACH, 2018, p. 250),

A filologia historicista e sociológica de Erich Auerbach leva em consideração que o contexto histórico e social deve ser tratado nos estudos literários, uma vez que as categorias mentais que empregamos para o entendimento da realidade, a própria língua, a escrita, a arte, a religião, a filosofia e as ciências são construções humanas que dependem das condições históricas em que se encontra a civilização, ocorrendo uma relação recíproca entre essas construções simbólicas humanas.

E uma das características históricas atuais das formas acadêmicas de construção do conhecimento é a especialização por área, disciplina, linha de pesquisa etc. Para Auerbach, no entanto, “a especialização da matéria não satisfaz, e satisfará sempre menos porque cada coisa é relacionada a outra e para

julgar uma só coisa é necessária uma viva consciência do todo” (AUERBACH, 2018, p. 24). Os fenômenos singulares devem ser abordados visando o alcance de uma síntese da complexidade da realidade social e histórica tratada, de modo a que se estabeleça a conexão entre os seus diferentes elementos constitutivos. Um obstáculo para a construção do conhecimento é a especialização que fragmenta a realidade em dimensões consideradas separadamente e desconectadas.

Enfocando diretamente as ciências sociais, Bernard Lahire considera que as ciências sociais contemporâneas passam por um processo de fragmentação dos seus trabalhos em razão dos recortes disciplinares que abordam aspectos específicos do mundo social como, por exemplo, o econômico, o político, o psíquico, a língua, a arte, a religião etc., além das abordagens hiperespecializadas dentro de cada disciplina, como a sociologia rural, antropologia urbana, sociologia da educação etc. Para Lahire, mesmo que os pesquisadores ganhem em precisão e rigor na delimitação do seu material empírico e no cotejamento de provas, correm o risco de apenas conhecerem os trabalhos dos outros pesquisadores da sua própria linha de pesquisa. A conclusão de Lahire sobre esse processo de fragmentação e especialização na construção do conhecimento é que os próprios pesquisadores

[...]finissent par perdre le sens des totalités sociales et des liens d'interdépendance qui existent entre des domaines différents de La pratique, et découpent l'acteur individuel en autant d'improbables et abstraits homo oeconomicus, politicus, psychiatricus, linguistics, etc. Ils se trouvent, du même coup, dans l'incapacité de

fournir aux lecteurs non spécialistes une image un tant soit peu claire de la société dans laquelle ils vivent. (LAHIRE, 2012, p. 45)

Erwin Panofsky discute esse processo histórico de emergência de uma nova forma de construção do conhecimento no final da Idade Média europeia na obra *Arquitetura Gótica e Escolástica – Sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média*. Segundo Panofsky, para realizar uma elaboração intelectual o pensamento escolástico tem como “primeiro princípio organizador” a necessidade de explicitação ou clarificação da ideia exposta, e, “isso só seria possível por meio de uma forma de expressão escrita que esclarecesse os processos de pensamento para a capacidade imaginativa do leitor do mesmo modo como o processo de pensamento explicita a verdadeira natureza da fé a seu intelecto. Foi assim que se desenvolveu o formalismo ou esquematismo dos textos escolásticos, de que tantas vezes se zombou, e que tiveram seu ponto alto na Summa”. (PANOFSKY, 2001, p. 20-21)

Os trabalhos científicos e filosóficos considerados mais sérios e relevantes, como os *papers*, artigos, dissertações, teses e livros devem ser construídos de forma lógica e normalizada em parágrafos, seções, capítulos numerados e partes, todos relacionados entre si de modo a demonstrar didaticamente ao leitor a forma de ordenamento do pensamento do autor. Segundo Panofsky (2001, p. 22), “antes do aparecimento da escolástica, desconheciam-se esse tipo de ordenamento sistemático”.

É necessário enfatizar que essa forma ordenada, lógica e disciplinada de construção do conhecimento apontada por Panofsky como uma “paixão pela clareza”, “transmitiu-se, todavia, a todos os espíritos envolvidos em questões

culturais – o que é perfeitamente natural, tendo em vista que a escolástica detinha o monopólio da formação intelectual – tendo se tornado um hábito mental” (PANOFKY, 2001, p. 25). Essa interpretação de Panofsky sobre a influência da escolástica na formação das mentalidades e práticas humanas foi seguida de perto por Pierre Bourdieu, que ao escrever o posfácio à edição francesa do livro *Arquitetura gótica e escolástica* concordou com a ideia do autor segundo a qual “numa sociedade em que a transmissão da cultura é monopolizada por uma escola, as afinidades profundas que unem as obras humanas (e, evidentemente, as condutas e os pensamentos) tem seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir conscientemente e em certa medida inconscientemente ou, de modo mais preciso, de produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados) o qual constitui sua cultura, ou melhor seu *habitus*, [...]” (BOURDIEU, 1992, 346).

Em síntese, a tradição escolar reproduz há séculos “as disposições escolásticas” (BOURDIEU, 2013, p. 122), E essa visão escolástica a respeito do conhecimento e da realidade ao ser interiorizada pelos agentes sociais se torna a perspectiva dominante e muitas vezes a única perspectiva na construção das categorias de percepção, avaliação e construção do pensamento, ao mesmo tempo em que é desconhecida como tal pelos próprios agentes.

Para romper com essa visão escolástica que predomina na história das ciências e das disciplinas científicas, a proposta de Bourdieu é transcender as fronteiras disciplinares:

[...] Il faut transgresser les frontières disciplinaires et aller chercher dans une autre discipline

des choses que ceux qui sont occupés à chercher dans leur discipline n’y trouvent pas, parce qu’ils ne les cherchent pas. (BOURDIEU, 2013, p. 164)

As percepções e representações dos agentes sobre a realidade social são elementos importantes dessa mesma realidade que necessitam ser levados em consideração na pesquisa social. Para Bourdieu (2004, p. 144-156), “a ciência social deve tomar como objeto não apenas a realidade, mas também a percepção dessa realidade, as perspectivas, os pontos de vista que em função da posição que ocupam no espaço social objetivo, os agentes tem sobre essa realidade”. As obras literárias propiciam o acesso a múltiplas perspectivas e sistemas de referência para pensarmos o mundo social. Nas sociedades classificadas como arcaicas, por exemplo, os poetas e a poesia desempenham muitas vezes o papel de nomeação, classificação e constituição do mundo social ao representá-lo simbolicamente. (BOURDIEU, 2015, p. 123)

Também influenciado pela análise literária do filólogo alemão Leo Spitzer (1955) sobre a obra *Dom Quixote*, de Cervantes, Bourdieu defende a adoção de um perspectivismo que restitua aos agentes sociais “o direito ao seu ponto de vista” (BOURDIEU, 2014, p. 107; 2015, p. 186). Na introdução da obra coletiva *A miséria do mundo*, Bourdieu enfatiza a importância do acesso às diferentes perspectivas dos agentes sobre o mundo social e a contribuição da literatura nesse processo de construção do conhecimento:

[...] é preciso substituir as imagens simplistas e unilaterais (aquelas que a imprensa sobretudo veicula), por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos

diferentes, às vezes inconciliáveis; e, à maneira de romancistas como Faulkner, Joyce ou Virgínia Woolf, abandonar o ponto de vista único, central, dominante, em suma, quase divino, no qual se situa geralmente o observador e também seu leitor (ao menos enquanto ele não estiver preocupado), em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade dos pontos de vista coexistentes e às vezes diretamente concorrentes. Esse perspectivismo nada tem de um relativismo subjetivista, que conduziria a uma forma de cinismo ou de niilismo. Ele está realmente fundado na própria realidade do mundo social e contribui para explicar grande parte do que acontece neste mundo, e, em particular, inumeráveis sofrimentos oriundos do choque de interesses, de disposições e de estilos de vida diferentes que a coabitação favorece, principalmente no local de residência ou no ambiente de trabalho, de pessoas diferindo sob todos esses aspectos. (BOURDIEU, 2008, p. 11-12)

Os agentes sociais atribuem significados diferentes até mesmo para as palavras que empregam. Baseando-se nos estudos de Mickail Bakhtin, Bourdieu fundamenta a necessidade de investigação de diferentes perspectivas sobre o mundo social, recordando que quase não existem palavras que possam ser pronunciadas com o mesmo sentido por personagens situados em campos diferentes. (BOURDIEU, 2015, p. 188)

Uma revolução simbólica

Na época em que realizava seus estudos de preparação para ingressar na Escola Normal Superior, aos 20 anos, Bourdieu sentia uma grande identificação com Balzac:

Jovem estudante de Khâgne, maravilhado com uma Paris que conferia realidade a

reminiscências literárias, eu me identificava ingenuamente com Balzac (assombroso meu primeiro encontro com sua estátua na praça Vavin!), a ponto de muitas vezes ter me posto a seguir desconhecidos, durante meus passeios de domingo, no intuito de descobrir seu bairro, sua casa, sua vizinhança, que eu tentava adivinhar”. (BOURDIEU, 2005, p. 93)

O jovem estudante que passeia orientado por suas reminiscências literárias da obra de Balzac havia chegado do Béarn, na região sudoeste da França, não tão distante de Angoulême, cidade natal do jovem Eugène Rastignac, personagem que aparece no romance *O pai Goriot*, que vai a Paris estudar Direito e cuja “família se submetia às mais duras privações a fim de lhe enviar” dinheiro para se manter (BALZAC, 2016, p. 14-15). No romance, Balzac descreve a rotina do jovem Eugène Rastignac em Paris, ainda recentemente chegado de sua cidade na província:

Durante seu primeiro ano de permanência em Paris, o pouco trabalho exigido pelas matérias do começo do curso da faculdade o havia deixado livre para saborear as delícias visíveis da Paris material. Nunca sobra tempo para um estudante, se ele quiser conhecer o repertório de cada teatro, estudar as desembocaduras do labirinto parisiense, conhecer os costumes, aprender a língua e habituar-se aos prazeres particulares da capital, esquadrihar os bons e maus lugares, frequentar as aulas que agradam, inventariar as riquezas dos museus. O estudante apaixonado, então, por futilidades que lhe parecem grandiosas. Tem seu grande homem, um professor do *Collège de France*, pago para manter-se à altura do auditório. (BALZAC, 2016, p. 34)

Ao levarmos em consideração as homologia entre as circunstâncias em que vivia Rastignac, na narrativa de

Balzac, e a vida do jovem Bourdieu; considerando-se, ainda, “a influência dominadora da literatura na França” (AUERBACH, 2013, p. 418), não podemos nos surpreender que Bourdieu tenha sido influenciado e sentisse prazer na leitura dos textos literários, mesmo que na sociologia da literatura que propõe ele também faça uma leitura sociológica e histórica sobre a origem desse verdadeiro culto à literatura em seu País, questionando o processo de legitimação de algumas obras como pertencentes ao cânone literário. A filosofia, as ciências, as artes, a literatura e o livro historicamente foram concebidos como sublimes a partir de um “culto escolar” realizado pelos próprios agentes formados pela educação escolar e que tiveram seus “espíritos moldados pela Escola” e pela “celebração sacralizante dos clássicos” (BOURDIEU, 2002B, p. 11-14).

Apesar dessa crítica severa, as obras literárias provocam em Bourdieu uma reflexão sobre sua própria trajetória, levando-o a compreender como a literatura era um componente importante da formação do seu próprio *habitus* científico. No texto “Introdução a uma sociologia reflexiva”, elaborado em 1987 para exposição em um seminário na *Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales*, Bourdieu utiliza alguns pressupostos da obra de Flaubert para ensinar uma metodologia de pesquisa empírica em ciências sociais:

O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo «coisas teóricas» muito importantes a respeito de objetos ditos «empíricos» muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios. Tem-se demasiada tendência para crer, em ciências sociais, que a importância social ou política do objeto é por si mesmo

suficiente para dar fundamento à importância do discurso que lhe é consagrado - é isto sem dúvida que explica que os sociólogos mais inclinados a avaliar a sua importância pela importância dos objetos que estudam, como e o caso daqueles que, atualmente, se interessam pelo Estado ou pelo poder, se mostrem muitas vezes os menos atentos aos procedimentos metodológicos. O que conta, na realidade, é a construção do objeto, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de construir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto - como eu procuro fazer, por exemplo, ao partir, para compreender um dos efeitos maiores do monopólio estatal da violência simbólica, de uma análise muito precisa do que é um certificado: de invalidez, de aptidão, de doença, etc. Neste sentido, o sociólogo encontra-se hoje numa situação perfeitamente semelhante - *mutatis mutandis* - à de Manet ou de Flaubert que, para exercerem em pleno o modo de construção da realidade que estavam a inventar, o aplicavam a projetos tradicionalmente excluídos da arte acadêmica exclusivamente consagrada às pessoas e as coisas socialmente designadas como importantes - o que levou a acusá-los de «realismo». O sociólogo poderia tornar sua a fórmula de Flaubert: «pintar bem o medíocre». (BOURDIEU, 2001, p. 20)

Essa negação de qualquer forma de hierarquia no processo de construção dos “objetos de investigação” é um princípio metodológico que foi muito enfatizado por Bourdieu em sua obra, e é também uma das características mais importantes

do realismo literário de Balzac, Flaubert e Zola. Para Bourdieu, estes três autores, aos quais ele acrescenta o pintor Edouard Manet, teriam promovido uma verdadeira revolução simbólica nas formas de representação da realidade na França do século XIX. O realismo, na literatura, e o impressionismo, na pintura, foram responsáveis pela difusão de novas formas de percepção e reconstrução simbólica da realidade. Segundo Bourdieu,

[...] assim como as grandes revoluções religiosas, uma revolução simbólica desarranja estruturas cognitivas e às vezes, em certa medida, estruturas sociais. Quando bem-sucedida, ela impõe novas estruturas cognitivas que pelo fato de se generalizarem, de se difundirem, de habitarem o conjunto num universo social dos sujeitos que percebem tornam-se imperceptíveis. Nossas categorias de percepção e apreciação, as que normalmente empregamos para entender as representações do mundo e o próprio mundo, nasceram dessa revolução simbólica bem-sucedida. A representação do mundo nascido dessa revolução tornou-se, assim, evidente – tão evidente que o escândalo provocado pelas obras de Manet é em si mesmo objeto de espanto, senão de escândalo. Em outras palavras, assistimos a uma espécie de reviravolta. (BOURDIEU, 2014B, p. 135).

Para realizar a pesquisa sobre a revolução estética produzida pela pintura de Manet e pelos escritores realistas, como fonte inspiradora para a interpretação sociológica das obras de

arte que realiza, Bourdieu contou também com a interpretação figural realizada pelo crítico literário e filólogo alemão Erich Auerbach, citando várias vezes algumas análises presentes na obra *Mimesis* (AUERBACH, 2013). Em uma interpretação assumida por Bourdieu (2013, p. 780), Auerbach considera que autores realistas como Stendhal, Balzac, Flaubert e Zola “tomaram personagens quaisquer da vida cotidiana no seu condicionamento às circunstâncias históricas e as transformaram em objetos de representação séria, problemática e até trágica, quebraram a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual a realidade cotidiana e prática só poderia ter seu lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável leve, colorido e elegante” (AUERBACH, 2013, p. 499-500; BOURDIEU, 2013, p. 780). Segundo esta interpretação, “os acontecimentos cotidianos e reais de uma camada social baixa... são levados muito a sério” e contextualizados em seus condicionamentos históricos e sociais. Com o realismo literário as camadas populares passam a ser consideradas pelos escritores como “objetos” de representação relevantes. Assim, “a atividade do romancista é comparada com a atividade científica, sendo que, com isso, indubitavelmente se pensa em métodos biológico-experimentais. Encontramo-nos sob a influência do entusiasmo científico dos primeiros decênios do Positivismo” (AUERBACH, 2013, p 446).⁴

⁴ Sobre a relação entre literatura realista e sociologia Zola escreve: “Nós fazemos sociologia prática e a nossa tarefa ajuda as ciências políticas e económicas [...] Ser mestre do bem e do mal, regular a vida, regular a sociedade, resolver a longo prazo todos os problemas do socialismo, acima de tudo fornecer

bases sólidas à justiça resolvendo pela experiência questões de criminalidade, não é nisso ser-se os operários mais úteis e os mais morais do trabalho humano? [1880, p. 24]. ZOLA, ÉMILE, (1880), *Le roman expérimental*, 2.^a ed., Paris, G. Charpentier. (*C'est ainsi que nous faisons de la sociologie pratique et que*

Bourdieu se apropria da interpretação da obra de Flaubert realizada por Auerbach ao analisar o romance *Madame Bovary*. Após citar uma passagem do romance comentada por Auerbach, Bourdieu concorda com o raciocínio do filólogo alemão segundo o qual “*Flaubert nous presente à la fois Emma comme objet et le monde vu par Emma*” (AUERBACH, Apud BOURDIEU, 2015, p. 244). Bourdieu concorda com Auerbach que a narrativa de Flaubert consegue tanto descrever um objeto compreendido no interior de uma situação objetiva e, ao mesmo tempo, como descrever a compreensão subjetiva da personagem sobre a mesma situação, como se o autor se situasse dentro e fora de uma mesma situação, combinando essa dupla perspectiva em sua descrição.

Para corroborar com a sua apropriação sociológica da interpretação das obras literárias realizada por Erich Auerbach, Bourdieu também recorre a um raciocínio homólogo do crítico literário Georges Poulet, segundo o qual Flaubert “nos apresenta como objeto de contemplação um ser que, por sua vez, toma a realidade como objeto de contemplação” (POULET, Apud BOURDIEU, 2015, p. 244). E Bourdieu completa o seu próprio raciocínio reafirmando a importância desse duplo perspectivismo de Flaubert para a sociologia: “*Ceci peut se transposer à une sociologie rigoureuse*” (BOURDIEU, 2015, p. 244). Segundo Bourdieu, para que uma análise sociológica seja completa, é preciso se opor tanto a uma descrição totalmente objetivista, quanto a outra que seja totalmente subjetivista, como ocorre em obras como a de James Joyce e Virgínia

notre besogne aide aux sciences politiques et économiques. Je ne sais pas, je le répète, de travail plus noble ni d'une application plus large. Être maître du bien et du mal, régler la vie, régler la société, résoudre à la longue tous les

Woolf, por exemplo, que privilegiam a descrição de estados de consciência das personagens. Segundo a concepção de Bourdieu, para tratar adequadamente o mundo social é necessário combinar dialeticamente as perspectivas objetivista e subjetivista na investigação sociológica, e por isso ele toma a obra de Flaubert como “paradigma” (BOURDIEU, 2015, p. 246), uma vez que, segundo essa sua concepção, com “as técnicas ordinárias das ciências sociais é praticamente impossível acessar à experiência subjetiva dos outros” (BOURDIEU, 2015, p. 247).

A obra *A educação sentimental* “[...] reproduz a estrutura da classe dominante tal como a via Flaubert”, e mesmo que o autor escreva de forma eufemística, ele “fala do mundo social de maneira formidável”, influenciando na percepção da realidade social dos seus leitores. (BOURDIEU, 2015, p. 425). Na mesma obra pode ser encontrado um “magnífico exemplo de sociologia experimental”, como é demonstrado na narrativa da trajetória de Hussonet que, “*après avoir traîné des ambitions d'écrivain, de critique raté, etc., fait une grande carrière dans l'administration des arts et des lettres à la faveur de la Révolution de 1848. Il y a ainsi des trajectoires où les gens passent de l'extrême gauche à l'extrême droite.*” (BOURDIEU, 2015, p. 602)

Diferentemente da filosofia da história linear que predominava nos romances realistas do século XIX, e que apresentavam um fio condutor com uma sucessão de acontecimentos baseados nas decisões individuais, os autores do Nouveau Roman francês, como Claude

problèmes du socialisme, apporter surtout des bases solides à la justice en résolvant par l'expérience les questions de criminalité, n'est-ce pas là être les ouvriers les plus utiles et les plus moraux du travail humain?)

Simon, Alain Robbe-Grillet e Nathalie Sarraute, por exemplo, dão a impressão de recontar a história de forma desordenada e não linear. Para Bourdieu essa problemática da escrita romanesca se faz presente também na escrita científica: “*Je pense que le problème de l’écriture est consubstantiel au problème de la pensée adéquate du monde social: changer la manière d’utiliser les mots, c’est changer profondément la vision du social*” (BOURDIEU, 2015, p. 370). Bourdieu considera, portanto, que para tratar adequadamente o mundo social podemos nos inspirar na pesquisa literária e na forma de escrita do Nouveau Roman. (BOURDIEU, 2015, p. 368-369).

Entre as diferentes formas de produção simbólica, a sociologia se localiza de forma ambivalente “entre as disciplinas literárias e humanísticas e as disciplinas científicas”, se constituindo, segundo Bourdieu, como a “menos literária das disciplinas literárias e a menos científica das disciplinas científicas” (BOURDIEU, 2015, p. 433). Segundo Bourdieu, nos campos de produção simbólica encontramos uma hierarquia de poder e reconhecimento das diferentes disciplinas científicas. Quanto mais os investigadores recorrem às fontes literárias em suas pesquisas, menor o seu reconhecimento ou capital simbólico e mais baixa a sua posição nessa hierarquia das disciplinas. Talvez essa forma de hierarquização possa explicar porque muitos sociólogos apresentam os seus trabalhos com uma escrita formal mais parecida com a adotada nas ciências naturais, expressando, assim, uma indiferença arrogante em relação ao estilo de escrita próprio das ciências humanas: “*Parfois, par un effet d’imitation des sciences de la nature, il y a une espèce de refus ostentatoire du bien-écrire qui tend solvent à tenir lieu de signe extérieur de*

scientificité” (BOURDIEU, 2015, p. 463). O sociólogo que escreve com elegância ensaística e literária pode ter o seu trabalho não reconhecido como científico. Quando escreve “mal”, o seu trabalho pode não ser considerado como literário, sofrendo, assim, com os efeitos da oposição entre arte e ciência existente na produção intelectual universitária.

Tanto as obras de literatura como as de crítica literária como as de Spitzer, Auerbach, Poulet, Chastaing, Butor e Even-Zohar, dentre tantos outros autores, informam a concepção perspectivista de Bourdieu. Na sua interpretação da obra de Virgínia Woolf, por exemplo, Bourdieu leva em consideração e cita a análise presente no livro *A filosofia de Virgínia Woolf*, do crítico literário Maxime Chastaing. Na valorização da escrita proposta pelo Nouveau Roman Bourdieu é influenciado pela obra de Michel Butor. A teoria da literatura de Itamar Even-Zohar também foi uma referência no processo de construção da teoria dos campos de Bourdieu, que achava importante a ideia segundo a qual para se compreender as obras de uma época é necessário localizá-las em um sistema simbólico, e não apenas reconstituir a capacidade criadora de um indivíduo realizar uma obra. Mas Bourdieu não concordava com a concepção de “sistema” por considerá-la uma estrutura fechada, sem história, com uma hierarquia definitiva estabelecida pelos dominantes.

Na teoria proposta por Bourdieu a perspectiva histórica é central: “*L’habitus, c’est l’histoire; le champ, c’est l’histoire; et chaque état du champ est un produit de l’histoire antérieure*” (BOURDIEU, 2015, p. 634). O modo de pensar proposto por Bourdieu vai exigir a historicização das manifestações

culturais investigadas (BOURDIEU, 2015, p. 595).

É necessário tomar por objeto de pesquisa o conjunto do espaço simbólico, no qual se encontram todos os agentes que competem, que possuem um nome ou estão tentando “fazer” e firmar o seu nome. (Bourdieu, 2015, p. 581). Esse procedimento não teria sido empregado por Sartre ao escrever a biografia de Flaubert, *L’idiot de la famille*, uma vez que “*il prend pour objet un auteur singulier et cherche le principe d’explication final d’une oeuvre dans la singularité de la personne*” (BOURDIEU, 2015, p. 584).

Colocando como chave interpretativa a noção de campo literário, segundo a interpretação da vida e da obra de Flaubert realizada por Bourdieu (2015, p. 584-585), “*le créateur de l’oeuvre de Flaubert, c’est Flaubert, dans la mesure où il est le lieu où s’est accoupli un champ de forces que est le vrai principe de ce qu’a fait Flaubert*”. Flaubert ocupava uma posição no espaço simbólico do campo literário no qual predominavam obras classificadas em dois polos, seja como arte social ou como arte burguesa, e ele buscava se distinguir de ambos os polos, realizando uma trajetória desde a sua infância, passando pelas primeiras obras, até chegar à publicação de *Madame Bovary* e *A educação sentimental*, na tentativa de ocupar uma posição central no campo.

A noção de campo, ao contrário da noção de sistema, é um modelo aberto, construído historicamente, com fronteiras fluidas e relações de força entre detentores de posições que podem passar por mudanças constantes em razão da luta entre ingressantes e estabelecidos no campo, entre dominados e dominantes. A própria ideia de construir o conceito de campo nasceu a partir do estudo e da observação das

relações sociais entre os agentes envolvidos na produção literária. Como reconhece o próprio Bourdieu (2015, p. 569) “*le champ littéraire qui est le terrain par excellence à propos duquel s’est constituée la notion de champ et où elle s’est imposée comme instrument de connaissance*”.

Primeiras conclusões

Para melhor conhecermos o mundo social necessitamos de uma maneira de pensar que possibilite a construção de representações mais adequadas sobre a realidade social. O objetivo maior que orientou a elaboração deste ensaio foi a tentativa de recolocar em discussão a necessidade de adoção de múltiplas perspectivas cognitivas na pesquisa social e educacional e nas atividades educativas, contribuindo, assim, para a busca de uma maior conectividade entre os múltiplos saberes existentes sobre o mundo social, tendo em vista a superação dos efeitos que o fechamento disciplinar e a hiperespecialização metodológica e temática provocam atualmente na pesquisa universitária e na educação escolar.

Não podemos afirmar que a leitura e a apropriação das obras literárias realizada por Bourdieu ou mesmo o recurso à crítica literária e à filologia ocorram de forma acrítica no pensamento do autor. Bourdieu considera que a filologia muitas vezes propõe uma forma de leitura de textos como se esses fossem escritos apenas para serem lidos por profissionais da decifração, utilizando-se das metodologias propostas pela disciplina. Algumas obras literárias podem apresentar narrativas lineares e determinísticas, a exemplo da apropriação da ciência do seu tempo realizada por Balzac. Em obras como as de Virgínia Woolf e James Joyce a perspectiva exclusivamente subjetivista

é vista por Bourdieu como uma limitação.

O perspectivismo na pesquisa sobre o mundo social proposto por Pierre Bourdieu envolve primeiramente a perspectiva histórica para uma abordagem contextualizada sobre as relações sociais e as produções simbólicas. A perspectiva teórica sobre a qual se funda a teoria social de Bourdieu é baseada na superação da unilateralidade das perspectivas objetivistas e subjetivistas, através de uma abordagem praxiológica que se apropria e supera as duas abordagens opostas. O recurso às perspectivas presentes nas obras literárias é um meio de acessar aquelas formas de percepção e de representação da realidade que as ciências sociais não tem acesso através dos seus métodos investigativos replicáveis tecnicamente.

Referências

AUERBACH, Erich. *Lingua letteraria e pubblico nella tarda antichità latina e nel Medioevo*. Milano, Feltrinelli, 2018.

_____. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 2013.

BALZAC, Honoré de. *O pai Goriot*. São Paulo, Mediafashion, 2016.

BOURDIEU, P. Estrutura, *habitus* e prática. In: Bourdieu, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1992.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Le bal des célibataires – Crise de la société paysanne em Béarn*. Paris, Éditions du Seuil, 2002.

_____. *As regras da arte – gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002B.

_____. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa, Edições 70, 2004.

_____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

_____. “Ao leitor”. In: Bourdieu, P. *A Miséria do mundo*. Sob direção de Pierre Bourdieu; com contribuições de A. Accardo ... I et. al. 17. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Manet – une Revolution symbolique*. Paris, Raisons d’Agir/Le Seuil, 2013.

_____. *Sobre o Estado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

_____. “Manet uma revolução simbólica”. *Revista NOVOS ESTUDOS*, n. 99. São Paulo, CEBRAP, 2014B, p. 135.

_____. *Sociologie Générale. Vol. 1. Cours au Collège de France 1981-1983*. Paris, Raisons d’Agir/Le Seuil, 2015.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

M. de LAFAYETTE, Marie-Madeleine Pioche. *A princesa de Clèves*. São Paulo, Mediafashion, 2017

LAHIRE, Bernard. Conférence de clôture: «De la division du travail scientifique: les rapports entre la didactique et la sociologie en période ‘hyperspécialisation’». Dans Ph. Losego (éd.), *Actes du colloque «Sociologie et didactiques: vers une transgression des frontières», 13 et 14 septembre 2012* [(pp. xx-xx)], Lausanne: Haute Ecole Pédagogique de Vaud. <http://www.hepl.ch/sociodidac>

PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura Gótica e Escolástica – Sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

SPELLER, John R. W. *Bourdieu e a literatura*. Teresina, EDUFPI, 2017.

SPITZER, Leo. “Perspectivismo lingüístico en el Quijote”. In: SPITZER, L. *Lingüística e historia literária*. Madrid: Gredos, 1955 (1948), pp. 135-187.

_____. “Le style de Marcel Proust”. In: Spitzer, L. *Études de Style*. Paris, Gallimard, 1970.

Recebido em 2020-03-27

Publicado em 2020-03-28